



REVISTA

RECONEXÃO PERIFÉRIAS



FOTO: SERGIO SILVA

Mulheres negras lutam pela vida e por justiça social nas periferias

Elis Trindade fala da arte como cura para a humanidade

Talíria Patrone: 'a política precisa mudar e ter nossa cara'

AGENDA DE LUTAS JULHO DE 2023

Mulheres negras lutam pela vida e por justiça social nas periferias



OBRA DE RAIANA BRITTO

O 25 de julho, Dia Internacional da Mulher Afro-Latinoamericana, Afro-Caribenha e da Diáspora, marca a luta das mulheres negras no enfrentamento ao

racismo e ao sexismo vividos até hoje. No Brasil, a data também celebra o Dia Nacional de Tereza de Benguela, conhecida como “Rainha Tereza”, que viveu no

século XVIII, no Vale do Guaporé (MT), e liderou o Quilombo de Quariterê. Segundo documentos da época, o lugar abrigava mais de 100 pessoas, incluindo indígenas. Sua liderança se destacou com a criação de uma espécie de Parlamento e de um sistema de defesa. Tereza foi morta após ser capturada por soldados.

Na edição de julho, a revista Reconexão Periferias propõe uma reflexão sobre relatos, exemplos e temas importantes na luta antirracista das mulheres em territórios periféricos do Brasil, que foi iniciada há séculos e ainda tem muitos desafios.

O artigo de Emanuele Nascimento e Waneska Viana traz a história do coletivo Filhas do Vento, que desde de 2016 realiza processos formativos com

PROJETO RECONEXÃO PERIFÉRIAS ■ DIRETOR RESPONSÁVEL ARTUR HENRIQUE DA SILVA SANTOS ■ COORDENADOR DO PROJETO PAULO CÉSAR RAMOS ■ EQUIPE ISAÍAS DALLE, LÉA MARQUES, MATHEUS TANCREDO TOLEDO, RUAN BERNARDO, SOFIA TOLEDO, VICTÓRIA LUSTOSA BRAGA, VILMA BOKANY ■ COLABORADORES SOLANGE GONÇALVES LUCIANO ■ EDIÇÃO E REVISÃO ROSE SILVA ■ PRODUÇÃO EDITORIAL CAMILA ROMA ■ PROJETO GRÁFICO CACO BISOL ■ DIRETORIA EXECUTIVA DA FUNDAÇÃO PERSEU ABRAMO PAULO OKAMOTO (PRESIDENTE), VÍVIAN FARIAS (VICE-PRESIDENTA), DIRETORES: ALBERTO CANTALICE, ARTUR HENRIQUE, CARLOS HENRIQUE ÁRABE, ELEN COUTINHO, JORGE BITTAR, LUIZ CAETANO, NAIARA TORRES E VIRGÍLIO GUIMARÃES.

jovens e mulheres negras periféricas. “Ao longo da nossa trajetória pudemos nos fortalecer e também a vários coletivos, grupos e mulheres negras a partir de rodas de diálogo, mesas de debate, cine-debates, oficinas e diversas atividades formativas com temas, na perspectiva racial e na incidência política em conselhos deliberativos junto a outras organizações.”

Na *Entrevista*, a co-reógrafa, professora especializada em danças afro-brasileiras e dança inclusiva Elis Trindade fala sobre o desafio de coordenar, Junto com Vitor da Trindade, as atividades do Teatro Popular Solano Trindade, em Embu das Artes. Entre as ações desenvolvidas, o maracatu Nação Cambinda tornou-se a mais conhecida. Mas o espaço também realiza aulas de dança e música que ajudam a recuperar a memória e história dos africanos no Brasil. Nesta entrevista, Elis fala sobre cultura, arte, educação e sobre o poder curativo da dança, que, segundo ela,

é uma prática capaz de evitar o adoecimento das pessoas.

A seção *Quando novas personagens entram em cena* apresenta Talíria Patrone (Psol-RJ), reeleita no ano passado com quase 200 mil votos, a deputada federal mais votada de toda a esquerda do Rio de Janeiro e a pessoa negra mais votada da história do estado. Mãe de dois filhos, ela diz: “Tenho uma responsabilidade nas mãos, que é a de dar continuidade a um projeto que nasce para dar voz aos anseios de muita gente que entende que a política precisa mudar e ter a nossa cara”.

No *Perfil*, a socióloga, pensadora em dança e gestora cultural Gal Martins, que há 21 anos criou o coletivo de dança Sansacroma, formado exclusivamente por artistas pretos, e há seis anos o grupo Zona Agbara, formado por seis mulheres pretas gordas, que atualmente está em cartaz com o espetáculo *Engasgadas*, apresenta a

Dança da Indignação. Trata-se de uma metodologia de criação que utiliza a indignação no processo artístico que discute como esta é forte: “Decidi, depois de muitos estudos, sistematizar procedimentos de criação em dança, a partir de um olhar decolonial, centrado na potencialidade do território”, diz.

A artista visual, designer e formanda do curso de Artes Plásticas pela Universidade Federal da Bahia (UFBA) Raiana Britto está na seção de *Arte* com suas ilustrações e colagens, mas também desenvolve peças gráficas, como logotipos, cards, capas para músicas e livros.

A edição também traz as seções Programa, Agenda e Oportunidades.

Boa leitura! Boas lutas! ■

Coletivo Filhas do Vento

EMANUELE NASCIMENTO E WANESKA VIANA

EMANUELE NASCIMENTO
É INTEGRANTE DO
COLETIVO FILHAS DO
VENTO, DOUTORANDA EM
SOCIOLOGIA, MESTRA EM
EDUCAÇÃO, CULTURAS
E IDENTIDADES E
GRADUADA EM CIÊNCIAS
SOCIAIS

WANESKA VIANA
É INTEGRANTE DO
COLETIVO FILHAS DO
VENTO, SOCIÓLOGA COM
MESTRADO EM EDUCAÇÃO,
CULTURAS E IDENTIDADES
E ESPECIALIZAÇÃO EM
GESTÃO PÚBLICA.



FOTO: ACERVO PESSOAL

Coletivo de mulheres negras com trajetórias diversas, mas ao mesmo tempo que se encontram nas encruzilhadas da vida, o Coletivo Filhas do Vento nasceu no ano de 2016, diante do recrudescimento do contexto racial, social, político e econômico do país.

Diante dessa realidade, seis mulheres negras periféricas e acadêmicas, que já atuavam em pautas sociais, criaram o coletivo. A finalidade inicial foi trabalhar em parceria com demais coletivos e grupos voltados ao enfrentamento do racismo, sexismo e machismo,

e realizar processos formativos com jovens e mulheres negras periféricas.

Ao longo desses quase sete anos, encontramos estratégias de atuação alinhadas com a nossa missão de contribuir para o enfrentamento ao racismo e às opressões

que afetam as mulheres negras, produzindo e compartilhando conhecimentos e saberes para a construção de uma sociedade justa, democrática e equânime. O Coletivo Filhas do Vento se constitui a partir da construção de uma abordagem do ponto de vista

de mulheres negras para mulheres negras.

Assumimos de pronto que nossos valores, ideias e posicionamentos são fruto de nossas experiências a partir deste lugar socialmente construído e individualmente experimentado. Esta afirmação destaca a riqueza de olhares da qual somos fruto, uma vez que, os temas comuns às nossas práticas e vivências podem ser expressos de modos distintos, levando em consideração as especificidades da trajetória e do ponto de vista de cada uma. Neste coletivo, a diversidade é celebrada enquanto elemento agregador de sentido e relevância e orienta nossas práticas em todos os campos sociais.

Ao longo da nossa trajetória pudemos nos fortalecer e fortalecer vários coletivos, grupos e mulheres negras a partir de rodas de diálogo, mesas de debate, cine-debates, oficinas e diversas atividades formativas, com temas na perspectiva racial e na incidência

política em conselhos deliberativos junto a outras organizações.

Do ponto de vista institucional, tivemos a nossa primeira aprovação de projeto no ano de 2019, por meio do edital “Fortalecimento de capacidades de organizações, grupos e coletivos de mulheres negras”, promovido pelo Fundo Baobá. Com execução para o ano de 2020, ano que se iniciou a pandemia de Covid-19, tivemos o desafio não apenas de executar nosso primeiro projeto financiado, mas também de reorganizá-lo para o contexto de isolamento que vivíamos na época. A pandemia trouxe para nós, mulheres negras, dentre tantos desafios, a necessidade de uma atuação em que o cuidado com o nosso povo estivesse como elemento central das nossas ações. Ainda na perspectiva do fortalecimento institucional, aprovamos, em 2021, mais um projeto, desta vez com financiamento da Fundação Tide Setubal, que nos permiti-

tiu ampliar nossa atuação na área da comunicação, financeira e de gestão do Coletivo.

Para além do fortalecimento interno, essas experiências nos possibilitaram ampliar nossa atuação e diálogo com outras organizações do país, com as quais aprendemos por trocas e compartilhamentos, a potencializar e revisitar nossa atuação coletiva. Assim como o vento, que não pode ser visto, mas está em todos os lugares, mudando tudo de lugar, alterando paisagens e revolucionando, compreendemos a nossa potência de mulheres negras, que precisam diariamente “revolucionar” suas vidas, criando novas possibilidades. Assim, diante dessas trocas e do movimento de avaliação constante, hoje o Coletivo Filhas do Vento se encontra em momento de revisão de seus eixos e estratégias de atuação para seguir atuante no enfrentamento às violências de raça e gênero. ■

ENTREVISTA COM ELIS TRINDADE

Herdeira da Nação Cambinda, Elis Trindade leva a arte como cura ancestral

ISAÍAS DALLE E ROSE SILVA



FOTO: ROVENA ROSA/AG BRASIL

Coreógrafa, professora especializada em danças afro-brasileiras e dança inclusiva, Elis Trindade nasceu em Ipojuca (PE) e coordena as atividades do Teatro Popular Solano Trindade.

Elis é casada com Vitor da Trindade e junto com ele coordena as atividades do Teatro Popular Solano Trindade, em Embu das Artes, espaço fundado por sua sogra, a artista plástica, escritora e coreógrafa Raquel Trindade, companheira de Solano Trindade, poeta, pintor, ator, dramaturgo,

cinesta e militante do movimento negro e do Partido Comunista falecido em 1974.

Embora tenha nascido no Pernambuco, ela passou a participar do maracatu como brincante apenas depois de ter chegado a São Paulo e conhecido a família Trindade. Hoje é rainha da Nação Cam-

binda, que se apresenta no carnaval de São Paulo e tornou-se referência nacional. Composto por cerca de 40 pessoas, o grupo tem dois regentes e toca instrumentos de origem africana, como mineiro, agbê, agogô, alfaia e caixa. Os brincantes encenam uma ópera popular que em sua

origem faz referências à coroação do rei Congo e incorpora elementos do candomblé. Além dos ritmistas, tem uma corte com dois porta-estandartes, rei e rainha; o pálio, que protege ambos, mas principalmente a rainha; as damas da coroa; a dama do paço; princesas africanas; princesas europeias; um feiticeiro, que é quem protege a nação, com ervas; e as baianas.

Entre as ações desenvolvidas pelo Teatro, a Nação Cambinda tornou-se a mais conhecida. Mas o espaço também realiza aulas de dança e música que ajudam a recuperar a memória e história dos africanos no Brasil. Nesta entrevista, Elis fala sobre cultura, arte, educação e sobre o poder curativo da dança, que, segundo ela, é uma prática capaz de evitar o adoecimento das pessoas.

Reconexão Periferias - Quando foi que você se descobriu artista? Como foi esse seu ingresso na dança?

Elis - Pra falar da minha vida artística, eu preciso olhar um pouquinho pra



FOTO: REPRODUÇÃO INSTAGRAM

trás, como Sankofa. Meu nome é Elis Trindade, o Trindade é o nome de casada, mas eu sou filha de Dona Lúcia, Seo Elias e neta, de Seo Antônio, de quem eu tenho muito orgulho da trajetória. Sou a primeira neta de várias que nasceram depois de mim e sobrinha de oito tias. A maioria delas fazia de tudo pra que eu entendesse o que era essa organização do mundo em relação a nós, mulheres pretas. Então falo que eu comecei a entender essa relação da arte lá dentro da minha casa, da minha família, que comemora tudo. Tem festa junina, carnaval, natal, em alguns momentos se fechava a rua pra fazer festa. Uma coisa muito peculiar de minha cidade, Ipojuca,

é que o 7 de setembro é um verdadeiro evento, se compara às escolas de samba aqui em São Paulo. Então, várias vezes eu saí de São Paulo e fui pra Ipojuca para desfilar no 7 de setembro, na antiga escola. A gente ia respirando arte a partir dessas relações, tanto na escola, onde havia muito incentivo, quanto na família. Fiz um pouquinho de teatro, artes plásticas, a aula de artesanato era a coisa próxima de artes que eu gostava de fazer e em tudo o que existia relacionado a arte eu me inscrevia. Fui para dança ainda nesse período, muito nova, dançar quadrilhas juninas, que são muito importantes para entender essa relação da colheita. Não me via como artista, porque ain-

ENTREVISTA COM ELIS TRINDADE

da não era remunerada, mas já me entendia como brincante. Só passei a me entender como artista da dança 16 anos atrás, eu fiquei muito encantada com tudo o que a família Trindade já produzia em relação à arte. Conheci Vitor e a minha sogra no mesmo dia, inclusive ele já perguntou se eu queria casar com ele e já me apresentou a mãe dele dizendo: "essa aqui é a sua sogra". E foi tudo assim, o casamento, a arte e depois costuramos todo esse processo.

RP – Como você iniciou sua trajetória no Teatro Popular Solano Trindade?

Elis - Comecei como a pessoa que ajuda a fazer o turbante, a pessoa que ajuda a entregar água. Depois foi promovida a rainha do maracatu e estou até hoje. Como o Vitor mesmo fala, nosso teatro, os autos do boi, do maracatu, a estrutura toda vem sendo sempre comandada pelas mulheres. Me formei na Faculdade Paulista de Artes, fiz licenciatura em Dança, e, nesse mesmo período, uma pesquisa sobre a Vó

Margarida. Fiquei encantada com o processo dela de trabalho junto com a doutora Nise da Silveira. Juntas elas começaram uma relação da cura pela dança, pelas artes. Utilizavam restos de tecido, dos lençóis, dos travesseiros para o figurino dos clientes, porque elas entendiam que essa relação dos clientes, que as pessoas chamam hoje de pacientes, era mais humana, de troca, não era uma relação de eu posso e você só vai fazer o que eu quiser. Minha sogra foi contando sobre a mãe dela, que era evangélica e por isso não está em muitas fotografias e vídeos, porque queria preservar a sua história na igreja. Ela sempre foi apaixonada pela igreja, onde aprendeu a ler, e a partir disso começou a dançar.

“Porque se Miriã (a sacerdotisa) tocava pandeiro e havia as poesias, saraus, Davi e as danças na Bíblia, ela também podia”, dizia. A maioria das danças do Teatro Popular Solano Trindade são originárias da pesquisa de Margarida da Trindade, que ensinava a minha sogra ainda quando tinha oito anos de idade.

RP - E como começou sua relação com o maracatu?

Elis - Conheci o maracatu lá no Recife, pelos desfiles que a gente via na rua no período do carnaval, mas nunca brinquei maracatu lá. Um das raízes de maracatu que minha sogra trouxe na oralidade está no interior de Nazaré da Mata, que resistia com sotaque antigo. O nosso maracatu hoje é o mais velho de São Paulo.



FOTO: ROVENA ROSA/AG BRASIL



FOTO: REPRODUÇÃO INSTAGRAM

A gente chega aqui logo depois das irmãs Ibejis, e por enquanto eu não tenho conhecimento de que elas continuem atuando com o maracatu. A gente vai fazer 50 anos daqui a quatro anos. Nossas atividades são cotidianas. Na segunda tem aula de percussão dos orixás com o Vitor; na terça tem aula de percussão brasileira e danças brasileiras com meu cunhado Caçapava; na quarta tem tambores para a escola de samba e capoeira com Vitor e meu cunhado Caçapava; na quinta feira tem aula de movimento dos orixás e o folclore brasileiro comigo; na sexta feira tem a dança das mãos, uma aula só com tambores de mão; e no sábado tem aula do que antes era o Teatro Popular Brasileiro

e em 1975 passou a ser o Teatro Popular Solano Trindade. A gente pega essa herança que a minha sogra já deixou organizada e continua, com ensaios dos maracatus, do coco e do jongo.

RP - E quais são os novos projetos do Teatro atualmente?

Temos uma peça inédita que Solano Trindade deixou, chamada *Malucos*, que vem sendo estudada com o elenco do Teatro. A peça fala do amor da filha de Zumbi por um homem branco, é uma história muito interessante que precisa ser traduzida, porque é uma escrita mais antiga. Para além disso, estamos relembrando os movimentos da dança dos guerreiros de Alagoas, que a gente pratica há muitos

anos também. Para esse próximo semestre vai sair coisa boa.

RP - E o que é a Nação Cambinda?

Elis - Ela é um aquilombamento. Nós juntamos pessoas de diferentes clãs, personalidades, religiões. Tanto é que nosso maracatu tem evangélicos, budistas, ateus e até que pessoas que não acreditam realmente em nada. Temos famílias do candomblé e da umbanda, presbiterianas, adventistas do sétimo dia. Nosso mote é uma frase do Solano Trindade que diz assim: pesquisar na fonte de origem e devolver ao povo em forma de arte. Então a gente ainda continua o processo de pesquisar na fonte de origem. A Nação Cambinda é agrupamento de pessoas que vêm de vários lugares, médicos, universitários, empregadas domésticas, pessoas que cuidam da limpeza urbana. Temos criança com três anos de idade e a mais velha tem 85 anos. Para o nosso maracatu, todo mundo pode tocar, todo mundo pode dançar, é onde você vai se alimen-



FOTO: ROVENA ROSA/AG BRASIL

tar dessa arte, se divertir e em alguns momentos achar a cura.

RP - Eu tenho a impressão de que a luta antirracista ganhou muito mais importância para a maioria das pessoas hoje, inclusive na mídia. Você acredita que houve avanços? Qual é a sua percepção da sociedade?

Elis - Eu acho que avançamos, inclusive por causa da mídia. Essa luta já acontecia de várias maneiras, mas as possibilidades abertas pela tecnologia, dessa parede que a gente está aqui em quadradinhos se vendo foi a

grande chave que virou. Porque alguns, os repórteres, eles tiveram mais liberdade de falar sobre essa questão. Como eu falei, eu sou a neta mais velha, mas a partir do meu cabelo e eu entendo que já travava uma luta antirracista. Porque eu já fui fazendo a revolução capilar, alisava os cabelos desde 11 anos de idade e chegou um determinado momento que não alisei mais, deixei meu cabelo natural, dando exemplo para minhas outras primas que na maioria passaram a não alisar. Quando isso tudo acontece nos guetos, nas periferias, nas residências das famílias de samba, de candomblé, mesmo as famílias evangélicas que começam a falar sobre isso. E aí a mídia nos ajuda nesse sentido, de divulgar onde está sendo trabalhado esse lugar do antirracismo. Mas entendo também que somente quando eu cheguei na família (Trindade) eu me entendi uma pessoa negra, porque antes eu entendia que eu era pessoa morena, e aí a minha sogra foi ensinando também essas relações.

A gente tem um curso, Identidade Cultural Afro-Brasileira, e nossa preocupação era que cada um dos seis professores tivesse uma expertise diferente para a gente conseguir, dentro dessa luta antirracista, levar para a sala de aula, para os professores e trazer os professores para a nossa casa. A gente tinha um cartaz que falava de Solano Trindade, Margarida da Trindade, Raquel Trindade com oito anos de idade aprendendo dança com a mãe. Vitor dava aula de percussão brasileira, Marcelo ensinava história de África, eu dava aula de dança afro-brasileira, ensinava o nosso folclore brasileiro e minha sogra estava lá ensinando a história do negro de África até os dias mais recentes. Quando chega a Lei 10.639/2003 (que obriga o ensino de história afro-brasileira nas escolas), fomos encontrando pessoas para falar sobre isso, porque só a lei não ia transformar, não é um interruptor que apaga a luz. A gente precisava de pessoas, e nessa época pouca gente falava das questões raciais na escola

e muito menos os professores tinham conhecimento, a internet não contemplava. E aí nosso curso fez muito sucesso, todos os professores das escolas públicas de Embu das Artes foram formados por nós em parceria com a Unifesp.

RP - Você acha que a arte pode ser política?

Elis - Eu acho que quando eu falava “ah, eu odeio política, não gosto de política”, não entendia que o ato de acordar, levantar, me organizar, sair na rua já era um ato político. Então eu acho que eu não tinha conhecimento do que era a política. Eu ainda não sou apaixonada por política partidária e tenho dificuldade nas relações de política partidária, então não posso falar muito sobre. Mas penso que a arte, a dança é um ato político. Sei que quando a gente dança, é pra falar alguma coisa, né? Já está ali na comunicação. Quando juntamos pessoas e vamos tocar e cantar essa loa, a gente já está falando de nossa indignação, a gente já tá falando da nossa paixão pela arte, ou pela

música, ou pela dança, ou pela pintura. Então eu acredito que a arte é política sim.

RP - Você disse que aprendeu maracatu em São Paulo. E você fala muito desse contato proporcionado pela arte. Isso tem a ver com a rua. Você acha que os jovens hoje estão convivendo pouco na rua em função das novas tecnologias numa cidade como São Paulo, devido ao receio da violência? Isso faz falta?

Elis - Isso faz muita falta. Eu brinquei muito, fui muito menina de brincar na rua. Eu falava pra minha mãe: “eu estou aqui na frente” e, do nada, desaparecia. Já estava na casa de outra amiga, brincando. Algumas pessoas falam assim da faculdade da “ruologia”. Inclusive, hoje, a gente não pode fazer barulho nenhum que as pessoas já reclamam. Então eu vejo muito maracatu que não tem uma sede, não tem um acústica, ai deixa de ensaiar, deixa de brincar na rua. E quando o maracatu se recolhe e sai só uma vez no ano, a gente perde

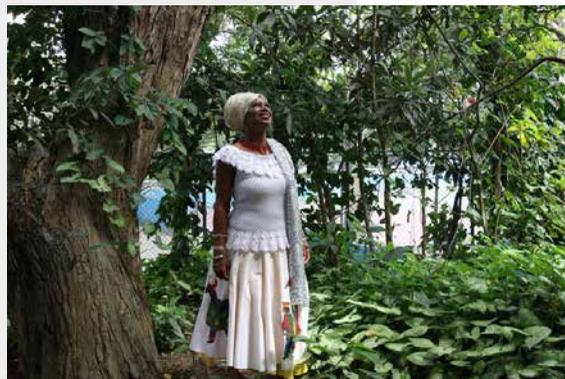


FOTO: ROVENA ROSA/AG BRASIL

que as crianças conheçam esse movimento. Particularmente, tenho muito medo de esse brinquedo desaparecer, porque é o brinquedo da rua. E a gente acaba, por obrigação social, colocando esse brinquedo dentro de caixinhas. Eu já fui fazer três apresentações e, assim que terminamos, houve reclamação de vizinhos às 3h da tarde. Então acho que as pessoas hoje não estão preparadas para sentir o pulso do maracatu. Acredito que a reclamação não é por causa do barulho, é porque elas têm medo de se contaminar com esse coração. Porque as alfaias, o surdo, o que a gente toca no maracatu pulsa no nosso coração e as pessoas temem trabalhar com a emoção, o coração. Tanto é que se você chegar no nosso maracatu ou lá no nosso Instagram,



FOTO: REPRODUÇÃO INSTAGRAM

tem mãe cantando com a criança aqui no colo, a criança dormindo, outra criança dormindo no chão, porque estão prestando atenção, embora não pareça.

RP - Você acha possível que setores mais reacionários que frequentam algumas igrejas e que atacam hoje, inclusive as de matriz africana, podem ser trazidas para mais perto dessa cultura e derrubar esses preconceitos, esses fundamentalismos?

Elis - Isso é possível. Já

se vê isso acontecendo aqui. Eu vejo. Acredito que pode ter mais proximidade ainda. Só basta as pessoas começarem a ler a Bíblia como um maravilhoso livro de histórias. É que às vezes, quando a gente participa de determinados lugares, porque eu já frequentei vários, deixa as pessoas lerem esse livro e fazerem interpretação por nós. Mas se começarem a entender que lá se fala das artes, de sarau, dança, poesia, música, entenderão que não precisam ir pra nenhum tipo de religião e ficar tristes. As artes já existiam ali, nesse livro de histórias que é a Bíblia há muito tempo. E outra coisa, se as mulheres desses lugares, por que eu entendo que a maioria das religiões, por mais que homens apareçam na frente, são as organizadoras, estão à frente. Porque o maracatu é uma dança matriarcal. Uma vez eu falei assim: "Sogra, hoje a gente vai dançar o maracatu, mas o rei vai faltar". Aí ela disse assim: "Fi-

lha, se não tiver rei, não tem problema, porque a rainha sai sozinha". Na estrutura de maracatu, temos o pálio, o grande guarda chuva que guarda o rei e a rainha. Depois tem as duas damas que protegem a coroa até o dia da coroação, que é o dia da nossa apresentação. Tem a dama das flores e das frutas, que dá presentes para a comunidade, para o rei, para a rainha. As princesas africanas, que são as meninas que não usam a roupa da corte, fazem mais movimento de guerra, africanos. Tem o feiticeiro, o médico, nas relações dos orixás, ele seria Ossain. Temos as baianas, que são as mulheres mais velhas do grupo, cuidam do figurino, da alimentação, fazer o turbante, costurar uma roupa. E as princesas européias, porque a minha sogra falava assim: o nosso maracatu tem lugar para todo mundo. Então entram mulheres brancas, pretas e orientais. ■

Mulheres pretas se unem na dança para combater a gordofobia e o racismo

ROSE SILVA



FOTO: SERGIO SILVA

A socióloga, pensadora em dança e gestora cultural Gal Martins nasceu na Zona Sul de São Paulo, no Capão Redondo, e seu trabalho sempre foi centrado nesse território, inspirado por ele e sua potência. Sua história começou na Casa Popular de Cultura do M Boi Mirim, que ela considera seu quilombo, onde se reconheceu como mulher negra e como artista.

Sua trajetória iniciada no teatro foi potencializada com a dança, um trabalho iniciado há mais de 30 anos, até que se tornou gestora de vários projetos, inclusive em outras regiões da cidade. Atualmente atua na Fábrica de Cultura de Capão Redondo, onde

faz supervisão artística pedagógica. Há 21 anos criou o coletivo de dança Sansacroma, formado exclusivamente por artistas pretos, e há seis anos o grupo Zona Agbara, que atualmente está em cartaz com o espetáculo *Engasgadas*.

Gal foi curadora do programa Dança Contemporânea, do Sesc TV, que é um dos maiores acervos de dança do Brasil. Assim, realizou uma temporada priorizando corpos de mulheres pretas em cena. “Para mim foi um grande projeto, pudemos quebrar um



FOTO: SERGIO SILVA

pouco essa lógica ocidental e inserir corpos pretos no acervo, que também é importante para que possamos ampliar esse olhar”, destaca.

“Costumo dizer que a dança contemporânea preta coloca em pauta temáticas pertinentes ao cotidiano do corpo preto para que este seja inserido. O Sansacroma tem sido meu eixo de trabalho. Fui estudar sociologia por conta das pautas que me interessavam na arte, na dança, para entender esse universo social, histórico, filosófico, antropológico”, relata Gal.

Ela desenvolveu a Dança da Indignação, que é uma metodologia de criação em dança que utiliza a indignação

no processo artístico e discute como esta é forte e potente, ao contrário do que muitas pessoas entendem, que seja algo negativo. “O próprio nome já diz que é uma ação perante algo indigno. Então eu decidi, depois de muitos estudos, sistematizar procedimentos de criação em dança, a partir de um olhar decolonial, centrado na potencialidade do território”, diz.

No Zona Agbara Gal decidiu voltar à cena, de onde havia saído por um tempo, e trazer essa pauta tão urgente que é pluralidade de corpos na dança. “Discutimos gordofobia e racismo também, porque é um grupo formado por mulheres pretas e

gordas. Então, a minha trajetória perpassa por esses caminhos entre gestão de projetos, produção cultural e curadoria”.

Segundo ela, a pauta da gordofobia começou a ser tratada de uma maneira mais midiática e ampla muito recentemente, assim como o capacitismo e o etarismo. “Existem vários estudos e pesquisadoras que conheço, como a Malu Gimenez, desse campo da obesidade. Mas a gente sente que não há nada concreto que nos guie, que proteja ou que seja, de fato, uma política pública ou uma lei que traga uma certa segurança para corpos gordos”, afirma.

Para Gal, a maior emergência nessa discussão é tirar a obesidade da linha patológica. “Quando a sociedade entender que um corpo obeso não deve ter um CID, nem ser categorizado como uma doença, será um grande avanço, até porque não são só pessoas gordas que morrem de pressão alta e diabetes e de tantas outras doenças colocadas



FOTO: SERGIO SILVA

na conta da obesidade”, pontua.

“Existem muitas ‘corpas gordas’ saudáveis, né? A Ellen Valias, por exemplo, cujo perfil é https://www.instagram.com/atleta_de_peso/, traz discussões sobre o corpo gordo saudável, que pratica esporte, que pode ser o que ele quiser ser. Acredito que estamos super atrasados nessa discussão. Na Zona Agbara, a gente tem sentido que essa questão da gordofobia é algo tão gritante porque as pessoas se constrian-

gem em nos ver em cena, nuas, e não conseguem conceber a ideia de que a gente se aceita e se coloca em cena. Então, é uma discussão que eu acho que deveria envolver educação e cultura, vários campos de pensamento, para que se consiga enfrentar isso”, afirma.

A luta é essencialmente por políticas públicas e representatividade de corpos gordos no poder. “A gente quer o nosso espaço, discutir direito à cidade, porque quando a gente vai para os lugares

eles não suportam as nossas imensidões, como eu gosto de dizer. As poltronas no cinema, no teatro. Agora tem um ou dois bancos pra pessoas obesas, mas mesmo assim a gente sabe que nossa arte e nossos corpos não têm esse direito”.

Gal também fala sobre retrocessos na luta antirracista e antigordofóbica. “A sensação que eu tenho é que de quatro anos para cá as pessoas se sentem autorizadas a ser intolerantes. Precisamos recuperar muita

coisa perdida nos últimos quatro anos, porque o babado tá chato, tá puxado. A gente vem sofrendo muitos ataques na internet, nas nossas redes sociais, nas redes sociais dos lugares onde nos apresentamos e que têm pautado o nosso espetáculo. São racistas, gordofóbicos e muito violentos mesmo, de nos fazer mal, literalmente, e nos deixam muitas vezes sem condição de trabalhar”, relata.

O coletivo Zona Agbara, formado por seis mulheres pretas e gordas, traz a pluralidade de corpos na dança, com base nas histórias e vivências das integrantes. Elas estão no processo de organizar uma metodologia para corpos plurais, que chamam de “poéticas da flacidez”, voltada a entender a potência de corpos gordos na cena, uma vez que a gordura não é algo que faz parte apenas do corpo gordo. “Quando estudamos dança, por exemplo, precisamos olhar para a anatomia muitas vezes. E só olhamos para os ossos, esquecemos que



FOTO: SERGIO SILVA

existe gordura no corpo. Então, como é que a gente discute a potência dessas gorduras? Como é que elas compõem o movimento? Estamos focando bastante essa temática e construindo nossos trabalhos a partir disso”, explica Gal.

O espetáculo *Engasgadas, segundo rito para regurgitar o mundo* estreou em maio e propõe uma dramaturgia que brinca com a lógica do comer. Discute estratégias para engolir o mundo indigesto e sobreviver. “No

imaginário popular, as pessoas gordas só comem, não fazem mais nada, não são produtivas. E aí a gente brinca muito com essa questão da boca”, diz ela.

O primeiro espetáculo do grupo se chamava *O que eu costume engolir?*, e fazia uma pergunta em performance de rua interativa com o público, escrevendo a frase nos corpos das integrantes. *Depois veio a Vênus negra, manual de como engolir esse mundo.* ■

**PARA CONHECER MAIS
SOBRE O TEMA, SIGA:**

<https://www.instagram.com/zonaagbara/>

<https://www.instagram.com/galmartins1/>

https://www.instagram.com/cia_sansacroma/

Quando novas personagens entram em cena

TALÍRIA PETRONE, DEPUTADA FEDERAL (RJ)



TALÍRIA DISCURSA NA CÂMARA COM O FILHO KALUANÃ SOL NO COLO: MÃE E GUERREIRA. FOTO: PABLO VALADARES/AGÊNCIA CÂMARA

Talíria Petrone (Psol-RJ) foi reeleita no ano passado com quase 200 mil votos, a deputada federal mais votada de toda a esquerda do estado do Rio de Janeiro e a pessoa negra mais votada da história do estado.

Congresso Nacional, maio de 2023. Deputados ligados ao agro-negócio tentam reanimar a tese do marco temporal, aquela que retiraria dos indígenas a posse de terras que tenham sido demarcadas antes da promulgação da Constituição de 1988. Um ataque frontal aos povos originários e ao meio ambiente.

Um grupo de deputadas de esquerda protesta e chama de “assassinos” alguns desses integrantes da direita que querem passar a boiada. Por isso, são levadas ao Conselho de Ética, para um processo que pode até custar-lhes o mandato.

Entre elas, a deputada Talíria Petrone, do Psol

do Rio de Janeiro. Reunindo muito apoio junto à sociedade e aos poderes da República – como ministérios do governo Lula – elas prometem resistir. Talíria, mãe de dois filhos, dispara: “Tenho uma responsabilidade nas mãos, que é a de dar continuidade a um projeto que nasce para dar voz aos anseios de muita

QUANDO NOVAS PERSONAGENS ENTRAM EM CENA

gente que entende que a política precisa mudar e ter a nossa cara”.

Talíria, sua trajetória política pode ser considerada fenomenal, uma ascensão rápida. O que o seu mandato representa – negritude, periferia, favela, feminismo – é um fenômeno que continuará crescendo?

Encerramos o primeiro mandato ainda com muitas tarefas e desafios para serem colocados em prática, mas também certas de que fizemos o máximo para mantê-lo como espaço de referência para os movimentos negros e de mulheres, para o povo das favelas, para a população LGBTQIA+ e para povos e comunidades tradicionais. Espero que meu mandato continue expressando

esse compromisso com os setores da sociedade que historicamente não tiveram espaço nesse Congresso tão pouco nosso e que tem pouco a cara das maiorias invisibilizadas. Em 2022, fui reeleita com quase 200 mil votos, a deputada federal mais votada de toda a esquerda do estado do Rio de Janeiro e a pessoa negra mais votada da história do estado. Fizemos uma campanha potente, em que denunciávamos os danos trazidos por estes últimos anos de uma política genocida, sobretudo no nosso estado que é o berço do bolsonarismo. Fomos protagonistas de uma campanha que teve o compromisso de eleger Lula presidente para reconstruir o Brasil e trazer o país de volta para as maiorias. Então, tenho

uma responsabilidade nas mãos, que é a de dar continuidade a um projeto que nasce para dar voz aos anseios de muita gente que entende que a política precisa mudar e ter a nossa cara.

Você e outras deputadas de esquerda são alvo de pedidos de cassação solicitados pelo Partido Liberal. Como classifica esse pedido?

Esse pedido é um absurdo e é a expressão da violência política de gênero que sofremos diariamente e que tenta calar a nossa voz no Parlamento. Todos os dias somos interrompidas nos mais diversos espaços aqui na Câmara e essa prática ficou mais evidente durante a votação do marco temporal e agora na CPI do MST, onde eu e a companheira Sâmia Bomfim sofremos reiteradas tentativas de silenciamento. É escandaloso o incômodo deles quando nos expressamos, quando colocamos o dedo na ferida das posturas absurdas da bancada conservadora e bolsonarista, que também é



DEPUTADAS DE ESQUERDA SOB ATAQUE: VAI ENCARAR? FOTO: PABLO VALADARES



NO COTIDIANO DO PARLAMENTO, UMA NOVA ESTÉTICA, NOVOS VALORES, NOVA POLÍTICA

racista e misógina. Veja, eu tenho dois processos tramitando contra mim no Conselho de Ética e o primeiro deles é do PL junto com Ricardo Salles, o pior ministro do Meio Ambiente de nossa história. Fui denunciada por dizer verdades sobre as investigações que pesam contra ele por facilitar ações ilegais de garimpeiros e de grileiros. Que moral tem para pedir a cassação do meu mandato o ministro de Bolsonaro que sugeriu aproveitar a pandemia para “passar a boiada”

nas pautas ambientais? Então é com esse cenário de violência política que estamos lidando. Mas já contamos com o apoio dos movimentos sociais, dos principais ministérios do governo Lula e de parte importante de parlamentares dessa Casa. Eles precisam entender que não farão mais política sem nós. Fui eleita para lutar e não para me calar.

Como os temas do meio ambiente e de proteção aos povos originários se inserem na luta de classes?

Entendemos que não é possível transformar a sociedade sem a luta ambientalista pelo bem-viver. Somos um mandato ecossocialista, que traz o respeito aos territórios, aos biomas, aos povos das águas e das florestas para o centro da política. Precisamos, urgentemente, aprofundar o debate sobre o racismo ambiental, que coloca as populações negras e periféricas como as principais atingidas das tragédias ambientais provocadas pela grave crise climática que o mundo inteiro enfrenta. No Brasil, são as famílias pobres e negras que perdem suas casas, suas vidas e seus poucos bens nas enchentes e nos desabamentos ou quando estoura uma barragem de minério, como aconteceu em Mariana e em Brumadinho. E sabemos a causa disso tudo: a ocupação desenfreada do solo, o desmatamento, o avanço do agronegócio para áreas de floresta e as queimadas criminosas que atingem milhares de hectares Brasil afora. Proteger o direito dos povos originários e tradi-

QUANDO NOVAS PERSONAGENS ENTRAM EM CENA

cionais aos seus territórios é também uma luta pela transformação de nossa sociedade, porque também é proteger os biomas, as águas e as florestas, considerando que são eles que resistem há séculos à ação desenfreada do agro, do garimpo ilegal e da grilagem de terra. Isso tudo é parte da luta de classes e deve estar no centro de nossa ação para transformar.

Como é conviver e atuar num espaço que, visto aqui de fora, parece tão hostil aos interesses populares, como o Congresso?

Muito difícil, porque o que enfrentamos é essa violência cotidiana que mencionei antes. A

Câmara é um lugar muito pouco nosso, sem a nossa cara. Ainda é um lugar do homem branco, cis heteronormativo e que pouco representa aos anseios populares, por isso é urgente mudar a fotografia do poder. E os anos de governo Bolsonaro consolidaram um caráter mais conservador da maioria do parlamento. A luta que travamos aqui é constante para que a gente consiga sobreviver. Mas não arredaremos o pé, porque viemos pra ficar.

Como você imagina o Brasil daqui a quatro anos?

Espero que um país muito melhor e estamos lutando para isso. Tenho uma menina e um menino e minha insistência

para não desistir é construir um Brasil melhor para eles e todas as outras crianças. Enquanto houver uma família passando fome e sem teto; uma criança fora da escola; uma mulher sem emprego; uma pessoa negra morrendo por conta do racismo; e um indígena ou quilombola perdendo suas terras; vamos seguir enfrentando todos aqueles que colocam o Brasil nos piores índices de desigualdade. O governo Lula está trazendo a esperança de volta, fazendo o povo sonhar novamente. Tentaram tirar de nós a capacidade de sonhar e de ter esperança, mas conseguimos conquistar isso de volta. Sabemos das dificuldades e contradições que há no interior das instituições públicas, mas sabemos também que estamos avançando para deixar para trás os últimos anos de horror. É por isso que a bancada do Psol atua como base do governo, mas sem perder sua coerência na luta para enterrar de vez o bolsonarismo na política e na sociedade. ■



CORAGEM E INSPIRAÇÃO EM MARIELLE ABREM CAMINHO NA ARIDEZ DO CONGRESSO.
FOTO: BRUNO SPADA/AGÊNCIA CÂMARA

Arte, sustentabilidade e mobilização social nas periferias

Desde o início de 2020 o Projeto Reconexão Periferias realiza programas para discutir os temas mais diversos relacionados às periferias, sempre dialogando com organizações, coletivos, movimentos sociais,

ativistas e militantes de todo o país. Durante o mês de junho de 2023, foram realizados programas com temáticas relacionadas à última edição da Revista Reconexão Periferias, “Pela vida e por ambientes sustentáveis

nas periferias” (edição de junho).

Os encontros ocorreram quinzenalmente, sempre às terças-feiras às 17h, horário de Brasília, no canal do [youtube da FPA](#) e na [página do Facebook](#)

Confira os programas de junho e acesse o canal da Fundação Perseu Abramo para assistir:

13/06/2023 Artista traduz o olhar pataxó - com Arissana Pataxó

27/06/2023: MST quer produzir comida junto com coletivos urbanos - com João Paulo Rodrigues



Raiana Britto

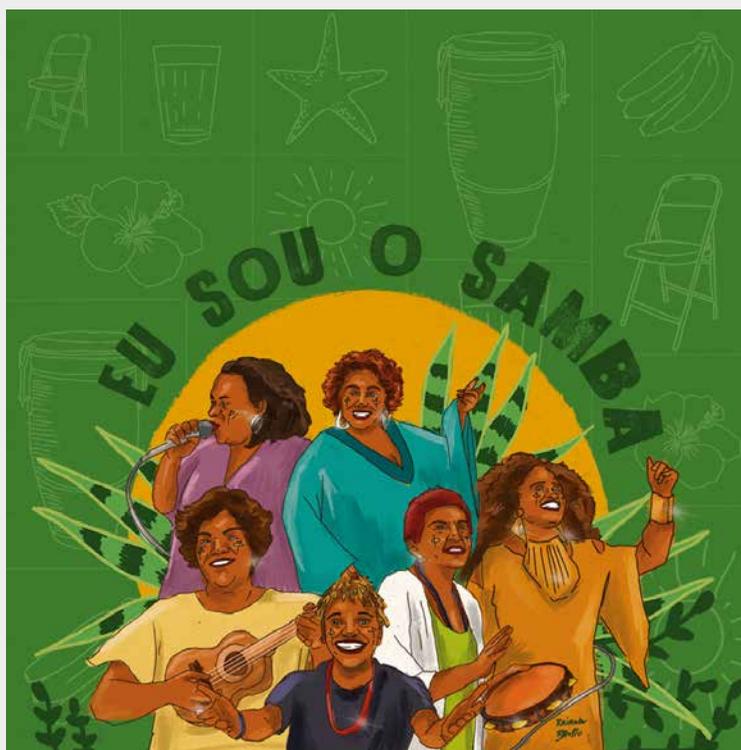
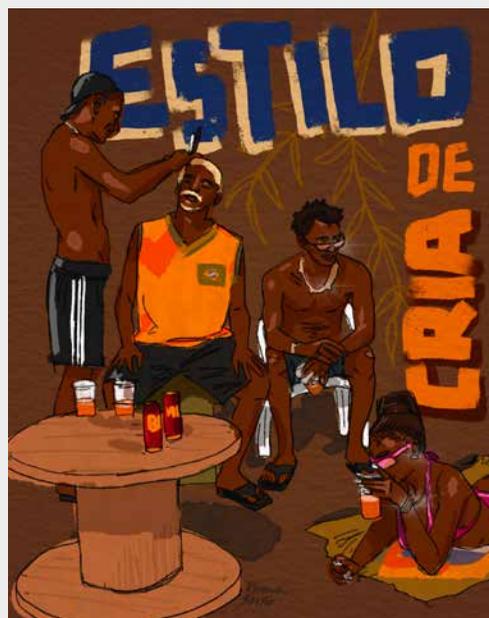
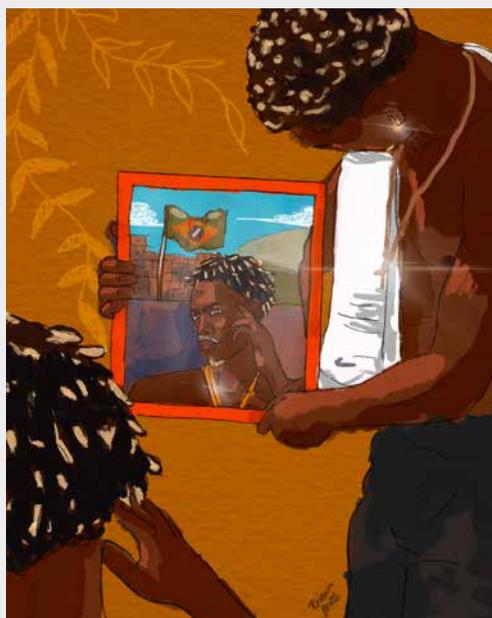
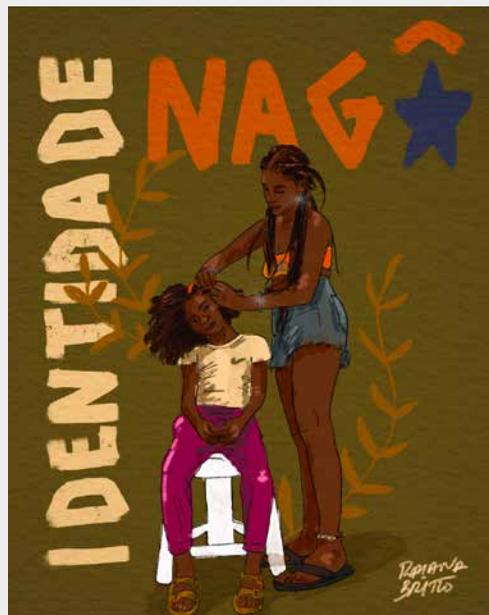
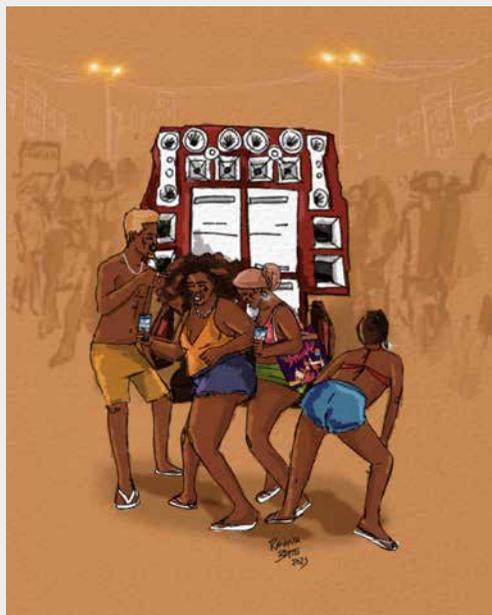


FOTO: ACERVO PESSOAL

Raiana Britto é artista visual, designer e formanda do curso de Artes Plásticas pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Ingressou na cena profissional em 2017 e, desde então, investiu bastante para cativar e impressionar a comunidade artística e seus simpatizantes. Nascida em Salvador, criada em Feira de Santana, iniciou no mundo digital em 2020 e não parou mais. O seu maior foco de atuação são ilustrações e colagens,

mas também desenvolve peças gráficas, como logotipos, cards, capas para músicas e livros etc. Hoje, também atua como designer de estampas e se destaca pelo protagonismo negro que aborda em quase todos os seus trabalhos, trazendo também como identidade elementos baianos e mais precisamente soteropolitanos. Retrata distintas realidades, tenta sempre falar sobre questões e problemáticas sociais por meio de uma narrativa pessoal

e abraçável. Costuma dizer que grande parte de sua inspiração vem de sua caminhada, de suas experiências e da vivência dos seus que habitam ao redor do mundo. Já participou de workshops e oficinas como Hiper-realismo, Ilustração de Moda, Croqui, Aquarela, Grafitti, Hachuras e Alto Contraste, entre outros e já fez parcerias e projetos com juntos com diversas marcas como Skol, Lacoste, Kenner, Google, Youtube, Club Social, Budweiser, etc. ■



REDES SOCIAIS E CONTATOS:
Site: <https://www.raianabritto.com.br/>
Portfólio: <https://www.behance.net/raianabritto>
Instagram: <https://www.instagram.com/raianabritto>
E-mail: raianabritto1@gmail.com



Programa Quinzenal Reconexão

Periferias Terça-feira, às 17h (horário de Brasília). No canal da Fundação Perseu Abramo: www.youtube.com/FundacaoPerseuAbramo

Programa Voz da Mulher

produzido pela Associação Mulheres na Comunicação - Rádio Web Mulheres na Comunicação www.mulheresnacomunicacao.com/
Aos sábados, às 8h, retransmitido de segunda a sexta-feira: 6h, 13h, 19h e 23h. O programa está disponível no Spotify, Google Podcasts, Apple Podcasts e Anchor, no canal "Mulheres na Comunicação"

Rádio Mixtura

Toda quarta-feira, a cada 15 dias
[Na plataforma dos Jornalistas Livres e da Radio Mixtura](#)

14ª Conferência Municipal de Assistência Social

Data: 13/07, às 13h, e 14/07, às 16h
Onde: Avenida Djalma Batista, 2100 Chapada Manaus, AM. Ingressos: Gratuito
[Informações aqui](#)

Slam - Primeiro Ato Slam - Final

Data: 14/07, às 18h
Onde: Av. Nove de Julho, 50 - Bela Vista, São Paulo, SP

CÁRCERE ou Porque as Mulheres Viram Búfalos - Com a Companhia de Teatro Heliópolis

Data: 14/07, às 20h
Onde: Teatro Clara Nunes - Centro Cultural Diadema - Rua Graciosa, 300 - Centro. Diadema/SP. Ingressos: Gratuitos - Retirar 1h antes no local.

123ª Campanha contra a fome

Data: 15/07, às 14h
Onde: Rua Mirim, 175 - Guanandi - Campo Grande - MS

Koanza: do Senegal ao Curuzu

Data: 23/07, às 19h
Onde: Teatro Sesc Casa do Comércio - Av. Tancredo Neves, 1109, Salvador - Bahia. Ingressos: a partir de R\$ 30,00.
[Informações aqui](#)

Sarau Suburbano

Data: 23/07, às 13h
Onde: Arena Carioca Dicró - Rua Flora Lôbo, s/n Penha Circular - Rio de Janeiro, RJ

Oficina: Literatura de Cordel e Poesia Popular (Helena Gomes) & Vivência (Laura Laguber Trio)

Data: 26/07, às 14h
Onde: Instituto de Pesquisa e Memória Pretos Novos - Rua Pedro Ernesto, 32, 32/34 TÉRREO, Gamboa - Rio de Janeiro, RJ

Palestra Jornalismo Cultural: A cena do Jazz com Ted Panken

Data: 28/07, das 16h às 17h30

Onde: Avenida Eduardo Ribeiro, 937
Centro Manaus, AM. Ingressos: Gratuito
[Informações aqui](#)

I Mostra de Artes: Matriz Africana/ Afro-brasileira

Data: 30/07, às 19h
Onde: Cine Teatro - Av. Pres. Getúlio
Vargas, 247 - Centro, Cuiabá - MT
Ingressos: Gratuito

Capacitação em Economia Criativa com Foco em Elaboração de Projetos Culturais

Data: 01/08, às 19h
Onde: Impact Hub Floripa Beira Mar
- Rua Bocaiúva, 2125, 2º andar, Centro -
Florianópolis, SC
[Informações aqui](#)

VIII Conferência Estadual de advocacia Baiana, "Novas tecnologias, advocacia e sua essencialidade no Estado democrático de direito"

Data: de 2 a 4/08, às 15h
Onde: Centro de Convenções Salvador
Avenida Octávio Mangabeira, 5.490
Boca do Rio, Salvador, BA.
Ingressos: R\$ 50,00. [Informações aqui](#)

VII Simpósio Pernambucano: Psicopatologias do cotidiano

Data: 4/08, às 19h, e 5/08, às 17h30
Onde: AMPE - Rua Osvaldo Cruz, 393
Boa Vista - Recife, PE
Ingressos: A partir de R\$ 35,00
[Informações aqui](#)

IX Tarde da Diversidade Cultural de São Leopoldo

Data: 06/08, às 13h
Onde: Largo Rui Porto (ao lado do

Ginásio Municipal) - Rua Dom João
Becker, 261 - Centro, São Leopoldo - RS

I Encontro Regional Mulheres e Filosofia - Nordeste

Data: 10 e 11/08, a partir das 8h
Onde: Centro de Ciências Humanas e
Letras - CCHL/UFPI - Ininga - Teresina, PI

Festival - Comemoração do aniversário de 50 anos do Hip Hop

Data: de 11 a 13/08
Onde: Brasília - DF

XII Encontro Distrital - ABPp - DF - Psicopedagogia: Da história às perspectivas atuais

Data: 12/08, das 8h às 17h
Onde: Câmara Legislativa do Distrito
Federal Praça do Buriti, s/n Setor de
Indústrias Gráficas - Brasília, DF
Ingressos: A partir de R\$ 65,00
[Informações aqui](#)

OPORTUNIDADES JULHO

Edital	Foco	Prazo	Link
<p>CREENCIAMENTO DE FEIRAS DA KUYA — CENTRO DE DESIGN DO CEARÁ</p>	<p>Convidamos você para participar desta chamada pública, que vai selecionar pessoas para expor nas feiras de design da Kuya — Centro de Design do Ceará, no período entre julho de 2023 e fevereiro de 2024.</p>	<p>Até o dia 29 de outubro de 2023</p>	<p>https://editais.cultura.ce.gov.br/single/201</p>
<p>Edital Orgulho Delas</p>	<p>Podem se inscrever no edital Orgulho Delas grupos formais e informais, coletivos ou organizações sociais, que atuem diretamente com mulheres autodeclaradas LGBTQIAPN+ há pelo menos 6 meses em território brasileiro. O edital visa destinar a 5 grupos (coletivos ou organizações sociais) o valor de até R\$ 50.000 (cinquenta mil reais) para cada. O repasse será dividido em 2 parcelas.</p>	<p>Até o dia 21 de julho de 2023</p>	<p>https://prosas.com.br/editais/13659-edital-orgulho-delas</p>
<p>Programa de Iniciação Artística para Primeira Infância PIAPI</p>	<p>O Programa de Iniciação Artística Para Primeira Infância - PIAPI é um programa de formação artística e cultural, voltado para bebês e crianças de 0 a 5 anos e suas famílias. O presente edital visa a seleção e contratação de um mínimo de quarenta (40) artistas educadores(as) com interesse em prestar serviços para o Programa de Iniciação Artística Para Primeira Infância - PIAPI 2023 - Segundo Semestre na seguinte função: 40 (quarenta) Artistas Educadores(as) (em Audiovisual, Artes Visuais, Circo, Dança, Literatura, Música e Teatro).</p>	<p>Até o dia 21 de Julho de 2023</p>	<p>https://prosas.com.br/editais/13655-programa-de-iniciacao-artistica-para-primeira-infancia-piapi</p>

<p>V Mostra Quilombo de Cinema Negro e Indígena</p>	<p>Nesta quinta edição da Mostra Quilombo serão exibidos curtas e médias-metragens de ficção, documentários, animações e filmes experimentais, a fim de dialogar com os públicos populares e periféricos de Alagoas. Realizadoras e realizadores podem inscrever seus curtas e medias-metragens de ficção, documentários, animações e filmes experimentais, em uma janela exclusiva para o cinema nacional produzido por negros e indígenas. Os filmes a serem exibidos na Mostra, serão selecionados pela curadoria da mostra seguindo critérios de apuro estético, representatividade, representação e relevância.</p>	<p>Até o dia 23 de julho de 2023</p>	<p>https://prosas.com.br/editais/13763-v-mostra-quilombo-de-cinema-negro-e-indigena</p>
<p>Festival Cine73</p>	<p>1ª edição do Festival de Cinema Regional Cine73, que tem por objetivo dar visibilidade para as produções audiovisuais produzidas no sul e extremo sul do Estado da Bahia. Poderão se inscrever produções de curta-metragem documental, clipe musical, vídeo teatro, vídeoarte e animação. Além das exibições, o Cine73 irá promover também debates e oficinas com profissionais do audiovisual baiano e diretores de cinema de destaque nacional.</p>	<p>Até o dia 31 de julho de 2023</p>	<p>https://prosas.com.br/editais/13766-festival-cine73</p>
<p>BELEZAS NATURAIS DA NOSSA TERRA</p>	<p>A Revista Natureza do Verso CNPJ.: 49.733.677/0001-28 torna pública a abertura do período de inscrições para o 1.º Concurso de Fotografia Artística com a temática "BELEZA NATURAIS DA NOSSA TERRA"</p>	<p>Até o dia 15 de outubro de 2023</p>	<p>https://www.naturezadoverso.com.br/</p>

OPORTUNIDADES JULHO

CineQueer 7	CineQueer nasceu em 2019 para celebrar os 50 anos de StoneWall, considerado o marco zero nas lutas pelos direitos LGBTQIA+. Trata-se de uma Chamada Pública Nacional para inscrições de curtas-metragens com duração de até 25 minutos (contando créditos) na Mostra de Curtas CineQueer 7. Os filmes selecionados serão exibidos de 05 a 13 de Agosto de 2023, de forma on-line, gratuita e com abrangência nacional na plataforma de streaming TodesPlay.	Até o dia 25 de julho de 2023	https://prosas.com.br/editais/13759-cinequeer-7
Elas Avançam: Ambientes Prósperos para o Protagonismo Feminino	Buscamos projetos que promovam atividades, ações de capacitação e formação profissional, qualificação em tecnologia e/ou desenvolvimento de habilidades e competências que fortaleçam as mulheres e promovam a equidade de gênero. Projetos que contribuam, de forma direta ou indireta, para a construção de um ambiente fértil para o protagonismo feminino por meio de ações como o desenvolvimento de lideranças, o combate ao machismo, atividades no contraturno escolar para crianças, a promoção da saúde e bem-estar, o combate à discriminação e violência de gênero, etc.	Inscrições contínuas	https://prosas.com.br/editais/9048-elavancam-ambientes-prosperos-para-o-protagonismo-feminino
Edital da Fundação John Deere	Apoiar projetos sociais com investimento privado e incentivado que estejam alinhadas à Política de Doações e Patrocínios da John Deere, que possui três pilares de atuação: combate à fome, desenvolvimento comunitário e educação. Para projetos aprovados via Incentivo Fiscal atuamos com as legislações no âmbito Federal, Estadual e Municipal.	Inscrições contínuas	https://prosas.com.br/editais/9250-fundacao-john-deere-banco-de-projetos

Aliança Regenerativa	Somos diversas organizações socioambientais que, solidárias frente ao sofrimento em Brumadinho, decidiram criar o Fundo Regenerativo Brumadinho. e agir de forma unificada, como sociedade civil, em prol da regeneração de toda a extensão da área afetada, banhada pelo rio Paraopeba. Aceitamos projetos provenientes da comunidade atingida ou iniciativas da sociedade civil em resposta ao crime ambiental do rompimento da barragem do Córrego do Feijão. Pessoas, grupos, coletivos, associações de bairro e qualquer organização da sociedade civil que tenham interesse, experiência e talentos para somar ao processo de apoio a Brumadinho e Paraopeba.	inscrições contínuas	https://prosas.com.br/editais/6298-alianca-regenerativa
----------------------	---	----------------------	---



F U N D A Ç Ã O
Perseu Abramo
Partido dos Trabalhadores



WWW.FPABRAMO.ORG.BR